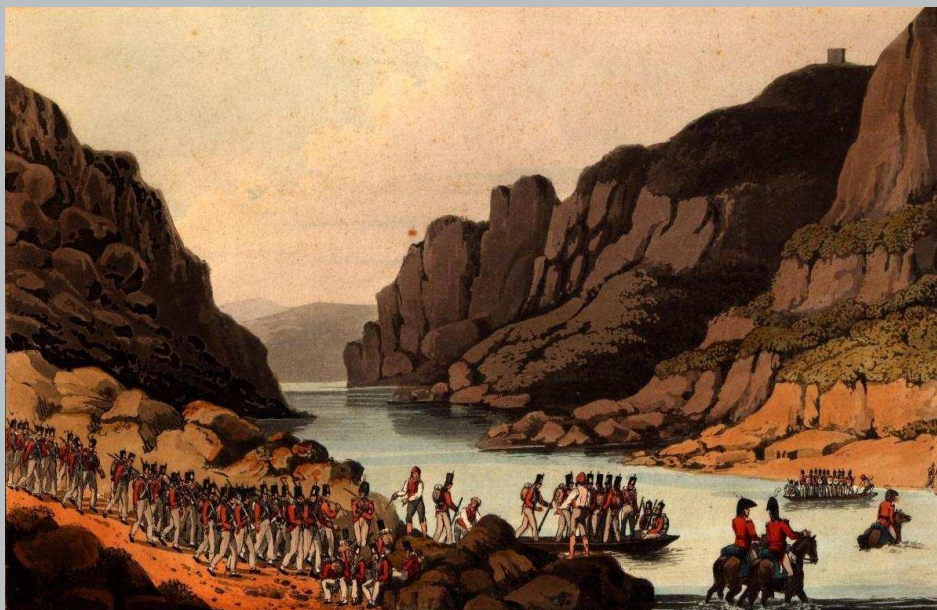




AS ESTRUTURAS MILITARES DA SERRA DAS TALHADAS NA PASSAGEM DE RÓDÃO (VILA VELHA DE RÓDÃO E NISA)¹

Military structures of Serra das Talhadas at Ródão passage (Vila Velha de Ródão and Nisa)

Francisco Henriques², João Carlos Caninas³, Armando Sabrosa⁴, Fernando Robles Henriques⁵
e Jorge Gouveia⁶



Palavras-chave: Vila Velha de Ródão e Nisa, fortes e baterias militares, Guerra dos Sete Anos, Invasões Francesas

¹ Este texto é o desenvolvimento da comunicação apresentada às 3ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano, em Abril de 2005, com actualização posterior.

² Arqueólogo, antropólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

³ Arqueólogo, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

⁴ Arqueólogo, colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo. Falecido.

⁵ Arqueólogo, colaborador da Associação de Estudos do Alto Tejo.

⁶ Licenciado em História, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

A Serra das Talhadas, uma longa crista quartzítica que percorre três concelhos da Beira Interior e do Norte Alentejano (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa), em associação com um extenso sistema montanhosa, que se desenvolve em arco até ao Norte de Madrid, teve capital importância em termos de defesa militar na História Contemporânea de Portugal, em particular, de forma activa durante o século XVIII.

Em termos de engenharia militar, destacam-se o complexo de baterias situado nos vários “morros” que ladeiam a passagem do rio Tejo em Vila Velha de Ródão (concelhos de Nisa e Vila Velha de Ródão) e o notável conjunto de fortins e baterias sobranceiros à passagem, de carro, sobre as ribeiras do Alvito e da Fróia (concelho de Proença-a-Nova).

Aquando da 1ª Invasão Francesa (1807) tal capacidade de dificultar ou impedir o progresso das tropas inimigas só não foi activada porque o poder político decidiu abrir as portas aos invasores, com a fuga real para o Brasil. Após a primeira Invasão, no contexto da reorganização da defesa de Portugal, esta Serra e, em particular a passagem das Portas de Ródão, volta a ser palco de movimentações militares (como fora antes, em 1704 e 1762), aliás bem documentada em diversos desenhos e pinturas da autoria de militares ingleses, em 1808, 1811 e 1812.

Uma das baterias da Passagem do Rio Tejo, em Ródão, a da Achada, que julgamos poder incluir no legado militar do Conde de Lippe (Século XVIII) foi objecto de uma sondagem arqueológica, que permitiu documentar uma estrutura complexa e de construção muito criteriosa. Inesperadamente, também forneceu materiais pré-históricos embalados no interior da estrutura frontal de terra batida, que se atribuem a uma ocupação local, talvez durante a Idade do Bronze.

Abstract⁷

Serra das Talhadas is a long quartz ridge, consisting of a row across the councils of Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão and Nisa connecting to a large mountain structure which runs as an arch until Madrid. These councils are smaller political components of the districts of Beira Interior and North Alentejo. The above mentioned ridge had a capital active importance in the Portuguese contemporaneous history of military defence, during the XVIIIth century.

It is significant, in what military engineering concerns the battery complex which was positioned at the peak of the several «morros» coasting along the Tagus at Vila Velha de Ródão, within the councils of Nisa and Vila Velha de Ródão and the remarkable group of small forts and batteries hanging over the car passage over the Alvito and Fróia streams, at Proença-a-Nova council.

By the time of the 1st French Invasion in 1807, the capacity to frustrate the progress of enemy troupes in the ground was not activate because of political determination to proceed with the royal evasion to Brazil. This event opened the doors of Portugal to the invaders. After the 1st Invasion, under circumstances of reorganizing Portuguese defences, this ridge and especially the Portas de Ródão passageway comes back to the stage of military progress the same way it has been before, in 1704 and 1762, fact well recognized in several British drawings and paintings dated 1808, 1811 and 1812.

⁷ Tradução de Isabel Flecha Vasconcelos.

One of the batteries positioned at Ródão, by the Tagus River passageway known as the one of Achada, which is believed it can be included at the Comte de Lippe's military legacy in the XVIIIth century, had been the subject of an archaeological prospecting which allowed to certificate a complex arrangement built in an extremely perceptive way. Unexpectedly it also provided pre-historical material wrapped inside the ground facade structure which can be attributed to local occupation, possibly during the Bronze Age.

Introdução

Nos últimos anos e com a aproximação da passagem dos 200 anos da entrada em Portugal da 1ª Invasão Francesa⁸, ocorrida na fronteira de Segura (concelho de Idanha-a-Nova), no dia 19 de Novembro de 1807, a temática das invasões militares modernas (séculos XVIII e XIX) tem vindo a adquirir uma importância pública crescente, traduzindo-se em iniciativas diversas como exposições, colóquios e na edição de livros.

Cite-se a este propósito o empenhamento de diversos municípios da Península de Lisboa na valorização do monumental dispositivo defensivo integrado nas chamadas Linhas de Torres⁹, de parceria com organismos com tutela sobre o Património, e as iniciativas editoriais, mais recentes, sobre esta temática¹⁰.

A História Militar da Beira Baixa, região que corresponde a uma das entradas naturais em Portugal Continental, visada por algumas das invasões a que nos referiremos, tem interessado a alguns investigadores portugueses, com destaque para o historiador militar Tenente-Coronel António Lopes Pires Nunes que tem assinalável obra sobre a temática castrense desta região desde a Idade Média (NUNES, 1982, 2002, 2005b)¹¹.

Refira-se também o estudo do Tenente-Coronel N. Valdez dos Santos (SANTOS, 1976) sobre o percurso da 1ª Invasão Francesa e a iconografia relativa à passagem das Portas de Ródão que nos é revelada pelo historiador de arte José Joaquim Mendes Hormigo (HORMIGO, 1983, 2002).

Pela nossa parte, tem havido um empenhamento, há mais de vinte anos, no reconhecimento do interesse patrimonial, e do estatuto arqueológico¹², das estruturas de defesa militar que temos vindo a reconhecer nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Nisa e Proença-a-Nova, no âmbito das actividades da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), e do anterior Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, nomeadamente ao nível da elaboração de cartas arqueológicas municipais (HENRIQUES & CANINAS, 1980, 1986)¹³.

Numa parceria entre a AEAT e a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, organizou-se em 2000 um Colóquio subordinado ao tema *As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão*-

⁸ Ou 2ª Invasão de acordo com o historiador António Pedro Vicente (2007).

⁹ Nas fontes de informação incluíram-se referências a documentos que integram catálogos de exposições promovidas pelas Câmaras Municipais de Vila Franca de Xira (NUNES, 1994) e Loures (ESTEVÃO, 2002).

¹⁰ Entre outros, BORGES (2003) sobre a Guerra da Sucessão de Espanha, AMARAL (2004) sobre a Guerra das Laranjas, BARRETO (2006), sobre a Guerra dos Sete Anos, CANÉLHAS (2002), GOTTERI (2006), MARBOT (2006) e VENTURA (2006), sobre as invasões napoleónicas.

¹¹ Enquanto membro da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos promoveu, em 1983, as 1ª Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares (VV AA, 1983).

¹² Concretizado com a sua inclusão na base dados de sítios arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia.

¹³ Para além das baterias e fortins conectos com as invasões dos séculos XVIII e XIX cite-se a identificação de estruturas de vigilância, talvez atribuíveis à defesa da fronteira após a Restauração da Independência (séc. XVII), como são os casos das atalaias de Perais (Vila Velha de Ródão, HENRIQUES & CANINAS, 1986) e da Fraldona-Malpica do Tejo (Castelo Branco, HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1995), situadas sobre a linha do Tejo, e ambas servindo de suporte a vértices geodésicos que as danificaram.

Proença, tendo como contexto as invasões militares da Beira Baixa ocorridas nos séculos XVIII (Guerras da Sucessão de Espanha e dos Sete Anos) e XIX (Guerras Napoleónicas)¹⁴.

No seguimento desta iniciativa e a pedido da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, a AEAT elaborou, em 2003, um documento de fundamentação de proposta de classificação do conjunto de fortes e baterias da Ponte da Fróia e da Ponte do Alvito, enviada ao Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR). Aquela autarquia, nas pessoas do seu antigo presidente, Coronel Diamantino André, e vice-presidente, Dr^a Filomena Lourenço, lançou o projecto de construção, em Sobreira Formosa, de um Centro de Interpretação dos Fortes e Baterias, na sequência de um “desafio” lançado pela AEAT, o qual retomado pelo actual executivo municipal dirigido pelo Eng^o João Paulo Catarino.

Mais recentemente, o notável conjunto de fortins e baterias existentes sobre as Pontes do Alvito e da Fróia, concelho de Proença-a-Nova, mereceu inclusão na Exposição Itinerante intitulada *25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior*, promovida pela Associação de Desenvolvimento, Estudo e Defesa do Património da Beira Interior e pela Câmara Municipal de Trancoso, e no respectivo catálogo (HENRIQUES, CANINAS & GOUVEIA, 2005)¹⁵.

Em Vila Velha de Ródão, a AEAT e a Câmara Municipal criaram o Percurso Pedestre denominado *Rota das Invasões* (SA, 2003), registado e homologado pela Federação Portuguesa de Campismo, o qual engloba diversas construções de defesa militar (baterias) situadas sobre a passagem do Tejo.

Em 2004, em consequência de danos provocados por maquinaria pesada durante o grande incêndio ocorrido no ano anterior, executou-se uma sondagem arqueológica na bateria da Achada (Vila Velha de Ródão), intervenção que permitiu documentar o processo construtivo daquela obra de defesa.

Como se verá seguidamente as construções militares conectas com a Serra da Talhadas¹⁶ formam um conjunto de destacado interesse regional, mas com um significado histórico que ultrapassa aquele âmbito geográfico em face da sua relevância na defesa de Portugal contra agressões externas de origem continental.

Finalmente, um agradecimento especial ao Prof. Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora) à Doutora Leonor Rocha e ao Dr. Nelson Almeida (Extensão do IPA no Crato) pelo convite que nos dirigiram para participar nestas Jornadas e à Região de Turismo do Norte Alentejano pelo seu já longo empenhamento na valorização do património arqueológico.

Enquadramento e Contextualização

As estruturas militares em análise situam-se nas proximidades das principais passagens naturais da serra das Talhadas, um destacado relevo de orientação NNW-SSE constituído

¹⁴ As actas, que incluem três textos principais (NUNES, 2002; HORMIGO, 2002; HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002), foram publicadas no n^o 5 da série monográfica AÇAFA, editada pela AEAT.

¹⁵ Impõe-se um agradecimento aos arqueólogos Marcos Osório (Sabugal) e Maria do Céu Ferreira (Trancoso) pelo convite que nos dirigiram para integrar esta iniciativa.

¹⁶ Além das Talhadas deve considerar-se a Serra do Moradal (Oleiros) onde está em curso a identificação de estruturas militares de idênticas características e cronologia, no âmbito de elaboração de inventário arqueológico municipal.

essencialmente por quartzitos do Ordovício inferior que emergem do “Complexo Xisto-Grauváquico das Beiras” (CXGB), do Câmbrio.

Além dos quartzitos, que se encontram dobrados em sinclinal, ocorrem no seu interior xistos argilosos, e a passagem ao CXGB faz-se, geralmente, através de espessos depósitos de vertente (Carta Geológica de Portugal, 1964).

A crista tem 27 quilómetros de comprimento e uma largura que varia entre 875m e 2500m (na dupla crista ou sinclinal). As cotas do topo da crista variam entre 614m e 500m enquanto as cotas da plataforma xisto-graúvática, envolvente, oscilam entre 300m e 400m. Os pontos mais elevados ocorrem nos vértices geodésicos de Chão de Galego (614 m) e do Penedo Gordo (570m).

Esta serra atravessa os concelhos de Proença-a-Nova (PN), Vila Velha de Ródão (VVR)¹⁷ e Nisa (N), adquirindo distintas designações como serra do Chão de Galego (PN), serra do Perdigão, serra do Penedo Gordo e serra da Vila (VVR), serra do Paúl, Serra da Corga e serra de São Miguel (N), mas na bibliografia geográfica foi convencionado chamar-lhe serra das Talhadas.

São quatro as principais passagens naturais da serra das Talhadas (**Figura 1**), que como é comum neste tipo de relevos têm forma abrupta: (1) Portas de Ródão/Porto do Tejo; (2) Portela da Milharia; (3) Rio Ocreza/Foz do Cobrão; (4) Catraia Cimeira.

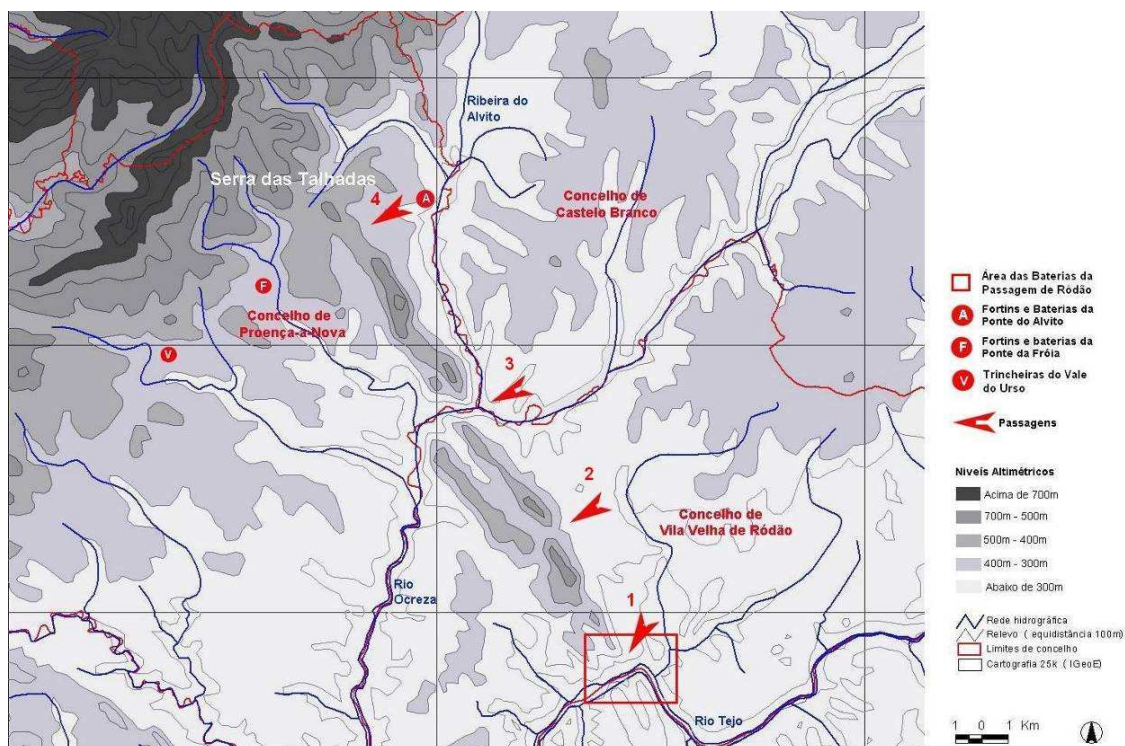


Figura 1. Localização geral das estruturas militares e das passagens da Serra das Talhadas.

¹⁷ Estes concelhos estavam situados na Província da Estremadura segundo mapa publicado em 1762 por João Baptista de Castro, reproduzido em BARRENTO, 2006, p. 39.

Duas destas passagens correspondem ao encaixe de cursos de água principais, o rio Tejo e o rio Ocreza, e coincidem com duas espectaculares gargantas epigénicas, respectivamente, as Portas de Ródão e as Portas do Almourão¹⁸.

Estes acidentes negativos foram aproveitados, até aos dias de hoje, para a instalação de vias de comunicação, terrestres e fluviais.

Na zona das Portas de Ródão/Porto do Tejo (passagem 1) cruzam-se uma via ferroviária de primeira importância (Linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa) e uma rodovia (a antiga Estrada Nacional 18) e noutros tempos ali aportavam por via fluvial os bens trocados com o baixo Tejo (**Figura 2**). Por aqui passava o “caminho de carro” que ligava Castelo Branco ao Alentejo, um eixo de comunicação fundamental para a região. A passagem do rio Tejo era feita em barcas. Esta via e a passagem sobre o rio aparecem representadas em mapas antigos. Foi admiravelmente documentada (**Figura 3**), no séc. XIX, por militares-artistas ingleses que integraram as tropas anglo-portuguesas (HORMIGO, 1983, 2002; outros documentos iconográficos citados em Fontes de informação).

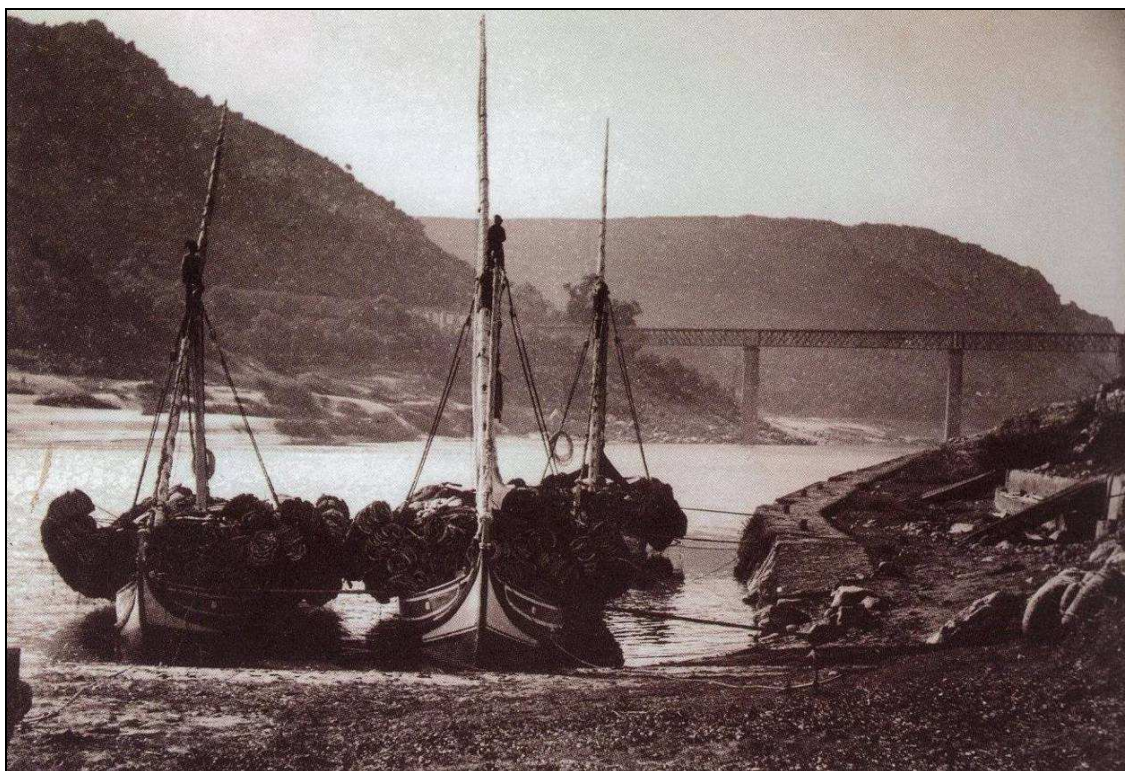


Figura 2. Barcos com cortiça no Porto do Tejo (séc. XIX), vendo-se extenso cais no lado direito, hoje submerso (seg. BATISTA, 2001).

¹⁸ Estas ocorrências, para além do seu valor simbólico e histórico-arqueológico, têm uma elevada importância ambiental (entre outros aspectos nas valências geomorfológica, paleontológica, biológica, contendo, por exemplo, uma biodiversidade elevada ao nível das aves). As Portas de Ródão e Zona Envolvente foram classificadas como Monumento Natural pelo Instituto da Conservação da Natureza, com base numa proposta elaborado por Jorge Gouveia, da Associação de Estudos do Alto Tejo, numa parceria com as Câmaras Municipais de Vila Velha de Ródão e Nisa.

Na Portela da Milhariça (passagem 2) passaria uma importante via de ligação entre Egitania e Aritium Vetus (ALARCÃO, 1988; BATATA, 2006: 76) e na actualidade também ali passam o Itinerário Principal 2 e a novel Auto-estrada da Beira Interior (A23). Os mapas topográficos executados sob as ordens do Brigadeiro Luis Furtado (FURTADO, s/d; FURTADO, AZEDO & FOLQUE, 1797) assinalam um caminho que ligava Vila Velha a Cerejal o qual seguia para Perdigão, transpondo a serra das Talhadas. Esta passagem foi guarnecida com contingentes militares durante a Guerra dos Sete Anos.

No amplo colo da Catraia (passagem 4), uma quebra na Serra das Talhadas com mais de um quilómetro de abertura, instalou-se o “caminho de carro” que ligava Castelo Branco a Sobreira Formosa e que hoje corresponde à Estrada Nacional 233.

“Seguindo de Vila Velha para o norte não se acham, numa extensão de dezoito léguas, para atravessar estas montanhas, senão duas estradas, sendo ambas elas más. Uma passa de Sarzedas a Sobreira Formosa e a outra vai pela montanha de S. Simão” (SORIANO, 1867).

A memória popular regista referências a movimentos militares nesta zona e um grande confronto militar na área de Catraia Cimeira *“onde o sangue já chegava aos machinhos dos cavalos”*¹⁹.

A que teria menor importância seria a passagem (3) da Foz do Cobreiro pela garganta onde se encaixou o rio Ocreza. Trata-se de uma passagem muito difícil, apenas acessível por “caminhos de pé posto”, de circulação local.

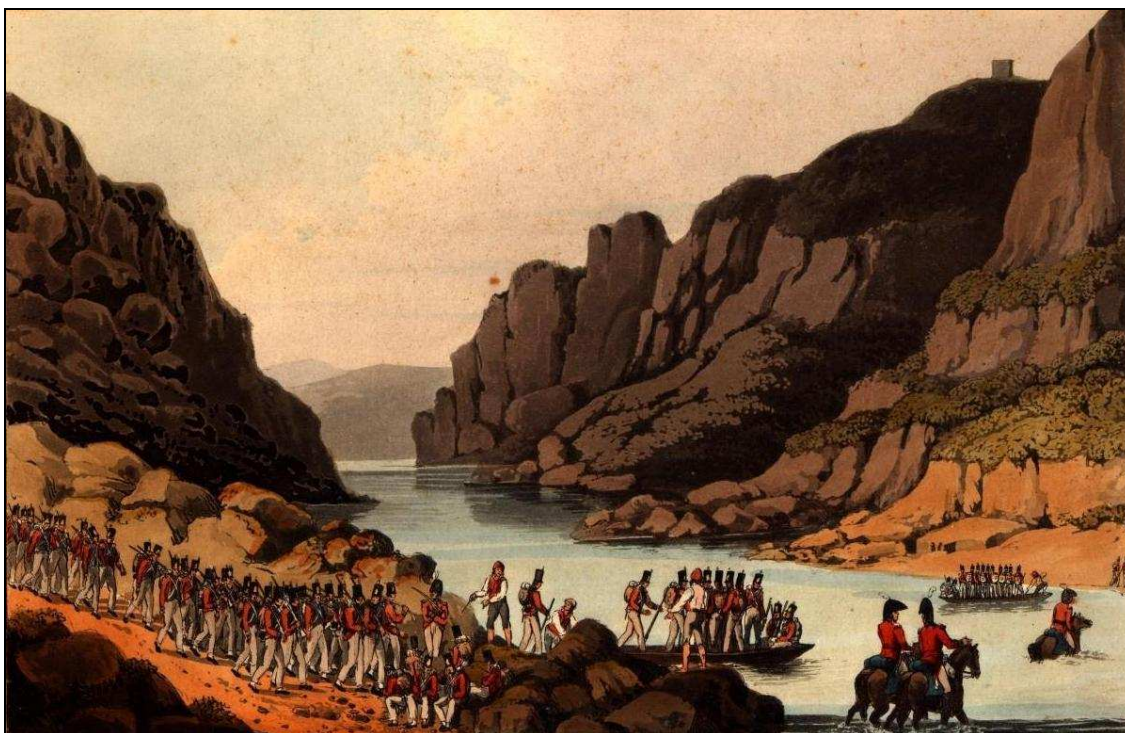


Figura 3. Vista sobre o Tejo perto de Vila Velha em 1808 numa água-tinta de William Bradford (HORMIGO, 2002).

¹⁹ Podem encontrar-se outras referências aos invasores franceses registadas em lendas (SOROMENHO, 1965) e topónimos (HENRIQUES & CANINAS, 1986b).

Num dos mapas a que se teve acesso (FURTADO, s/d) não são representadas vias perpendiculares à crista quartzítica, entre Chão das Servas e Foz do Cobreão. A povoação de Foz do Cobreão era acessível através de uma via de comunicação que passava por Perdígão e Ladeira. Em Foz do Cobreão tinha início um caminho de ligação a Vale do Cobreão. Num outro mapa relativo à mesma área (SA, 1797) está representado um caminho paralelo à crista que ligava Cerejal a Chão das Servas e se dirigia daqui para a Foz do Cobreão e/ou para o Concelho de Proença-a-Nova.

Estes caminhos terão sido utilizados durante a Guerra dos Sete Anos (1762). A este propósito afirma Luz Soriano que *“o posto que ocupava o conde de Santiago com mil homens, duzentos cavalos e oito bocas de fogo, é forte pela frente e pelo flanco direito, enquanto se estiver de posse das alturas de Perdígão, de Vila Velha e de uma passagem ordinária do Ocreza junto da confluyente desta torrente com a do Alvito”*. Esta passagem deve corresponder à vereda que, há cerca de 40 anos, ligava Chão das Servas a Sobral Fernando passando o rio Ocreza junto da foz da ribeira do Alvito.

As passagens de Ródão (1) e da Catraia (4) tinham vantagens sobre as restantes pelo facto de disporem à época de caminhos-de-carro adequados à progressão de um exército e de equipamentos mais volumosos e pesados como são as peças de artilharia.

A serra das Talhadas representa o segmento meridional de um amplo arco de montanhas, que envolve o planalto de Castelo Branco e Idanha, a Oeste e a Norte, constituído, em território português, pelas serras de Ávelos, Moradal, Gardunha, Estrela e Malcata, tendo continuidade em Espanha nas serras da Gata, dos Gredos, de Guadarrama. Esta posição conferiu-lhe, no passado, destacada importância no fecho do acesso a Lisboa, dada o preferencial encaminhamento para o Alentejo, que uma invasão teria para atingir aquele objectivo político, cuja passagem mais favorável seria em Ródão, aspecto que tem sido insistentemente salientado pelo Tenente-Coronel A. Pires NUNES (2002).

Sugestivas, a esse respeito, são as afirmações dos militares que tiveram as Talhadas como teatro de Guerra, como se documenta na seguinte transcrição.

“Entre Castelo Branco e Abrantes, imediatamente à rectaguarda de um bom obstáculo, a ribeira do Alvito, ergue-se uma escarpada linha de alturas – a serra das Talhadas – que é uma muralha contínua, perpendicular ao rio Tejo, de muito difícil transposição. O Coronel Stockler afirmou «que estas montanhas constituem uma triplicada muralha constituída pela natureza na disposição mais própria para impedir a passagem da Beira Baixa para a Extremadura»” (SANTOS, 1976: 97).

“A Serra das Talhadas, embora só por si considerada inexpugnável, foi, contudo, durante a campanha de 1762, fortificada pelo Conde de Lippe que «quiz aumentar a força d’esta forte posição», mandando construir vários redutos que, no dizer do coronel Vasco Salema «os soldados de Junot puderam-nos admirar quando, penosamente mas sem um único tiro, subiam as Talhadas»” (SANTOS, 1976: 98).

As Estruturas da Serra das Talhadas

Tendo em conta a existência de passagens naturais na Serra das Talhadas, proporcionando vias de penetração mais fácil, era conveniente construir estruturas militares nas suas proximidades. Assim foi de facto. Destacam-se os conjuntos correspondentes às Portas de Ródão e ao colo da Catraia Cimeira.

Para compreender a localização e a génese destas construções pesquisaram-se fontes de informação textuais, cartográficas e ainda testemunhos orais e toponímia local. De entre os documentos de origem militar merece destaque, pela minúcia das suas indicações, um relatório elaborado em 1810 pelo Major Ajudante de Campo Marquez de Castello Melhor e pelo Alferes Ajudante de Campo Manuel José Dias Cardozo (CASTELO MELHOR & CARDOZO 1810).

As construções identificadas até ao momento (HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002; CANINAS *et al.*, 2004, entre outras fontes) são basicamente de três tipos: o fortim²⁰; a bateria²¹; a trincheira²². Estas construções poderão também enquadrar-se no conceito de fortificações de campanha cuja definição nos é dada (NUNES, 2005: 71-72) do seguinte modo: *“conjunto de obras de valorização do terreno, efectuada pela forças militares durante uma acção militar, servindo exclusivamente durante esta, para constituir um obstáculo aos ataques do inimigo, para consolidar posições tomadas ou para subtrair, tanto quanto possível, as tropas à acção do fogo inimigo, com quem se estava em contacto. São exemplo da fortificação de campanha as trincheiras da Guerra dos Sete Anos, ainda existentes nos morros sobranceiros à ponto sobre o rio Tejo, em Vila Velha de Ródão, onde se travaram combates decisivos. Também designada fortificação provisória ou fortificação passageira.”*

Os fortins identificados até ao momento são recintos de planta quadrangular (polígono de quatro lados), delimitados internamente por muros de pedra seca, com 22m a 27m de comprimento em cada lado, protegidos por aterros oblíquos na face exterior e um fosso a toda a volta. As baterias, do tipo barbeta, são plataformas com parapeitos lineares ou arqueados, aos quais se encostavam peças de artilharia para fazer fogo sobre uma passagem importante. A sua construção resultou da escavação de um socalco posteriormente armado com muro de pedra seca e aterro na face externa.

Situam-se além ou aquém de uma passagem cuja transposição se pretendia impedir, como é o caso do conjunto de fortins e baterias da Ponte do Alvito e da Ponte da Fróia, ou sobre a própria passagem como ocorre na zona das Portas de Ródão.

O conjunto mais notável²³, até do ponto de vista arquitectónico, é o do colo da Catraia (**Figura 1, A**). É constituído por três fortins (nos sítios denominados Baterias, Catraia Fundeira e Couratão, in HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002) e diversas baterias, posicionados nos relevos e

²⁰ De acordo com a definição do Tenente-Coronel A. Pires Nunes (NUNES, 2005: 118) o fortim é “uma pequena fortificação isolada que, podendo ser autónoma, depende muitas vezes de uma praça principal.”

²¹ Pode definir-se bateria com sendo uma “plataforma, geralmente coberta, onde é disposto um certo número de bocas de fogo de artilharia. Podia ser abobadada (casamata), tipo barbeta ou ter qualquer outra estrutura”, sendo a barbeta uma “plataforma com parapeito e sem merlões, por cima da qual disparava a artilharia” (NUNES, 2005: 62, 64).

²² Segundo a mesma fonte (NUNES, 2005: 242) a trincheira é uma “obra de valorização do terreno em forma de vala mais ou menos extensa, com um parapeito e um paradorso, destinada a proteger os combatentes em qualquer situação de luta.”

²³ Francisco Tavares de Proença Júnior visitou estes fortes no início do século XX, facto que está documentado num manuscrito pertencente ao acervo documental do Museu de Castelo Branco, evidenciando que aquele tipo de estruturas militares também interessou ao distinto arqueólogo beirão (HENRIQUES, CANINAS & CORREIA, 2002: 51).

encostas sobranceiras à Ponte do Alvito. Na rectaguarda deste dispositivo (**Figura 1, F**), em posição recuada em relação à passagem da Catraia, também sobre a antiga estrada que conduzia à Sobreira Formosa, existe um outro fortim (no sítio denominado Fortes) e baterias associadas em posição de controlo da passagem sobre a Ponte da Fróia.

Mais para o interior, sobre a mesma via de penetração, que era a estrada da Sobreira Formosa para a Cortiçada (hoje a vila de Proença-a-Nova) identificaram-se (CANINAS *et al.*, 2004) duas estruturas (**Figura 1, V**), que poderiam ter servido para cobrir a retirada das tropas aliadas e evitar a sua flagelação pelos invasores. Situam-se numa encosta em zona de vale muito encaixado entre as aldeias de Vale do Urso e Pucariço.

Refira-se, como elucidativo, o seguinte testemunho: “...a retirada de Talhadas para Cardigos he quase sempre vantajosa tendo apenas hum passo máo em frente da Sobreira Formosa, junto à ribeira da Froia, à quem desta Ribeira há hum reducto construido em 1801 (segundo dizem, pelos Ingleses) que mostra a necessidade de occuparmos aquelle ponto com duas das nossas peças ligeiras para favorecer a retirada; he muito boa a comunicação daquelle ponto para a Sobreira formosa. Sobre a Ribeira do pocariço temos huma pozição muito boa para cobrir a retirada...” (CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810).

Sobre a passagem das Talhadas no Rio Ocreza não se identificaram referências à construção de estruturas de apoio à artilharia ou para acantonamento de tropas. Mas acerca da passagem seguinte, a do desfiladeiro da Milharia, encontrou-se referência em relatório militar a quatro baterias das quais ainda não se encontraram vestígios na actualidade. “Para defender esta garganta, aonde passa hum ramo da estrada que vem de Castello Branco para Vila Velha, há quatro Baterias huma dentro della, e trez fora, duas ao Norte, e huma ao Sul da Estrada, todas colocadas o melhor que he possível naquelle Terreno...” (CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810).

As estruturas da passagem de Ródão serão descritas mais à frente. Entretanto, importa referir a existência de construções militares de idêntica finalidade noutras áreas, uma vez mais de acordo com o precioso testemunho de Castello Melhor e Dias Cardozo. Aqueles militares referem cinco Baterias na zona da Serra do Moradal, denominadas de Cardoza, da Portella do Muradal, de Santa Barbara, de Valle de Payo e de Santo Antonio. Na zona de Orvalho são assinaladas três gargantas que estavam guarnecidas por outras tantas baterias denominadas do Cabeço de Cruzes, do Cabeço Murado e das Aguas-Altas. Finalmente a “huma Legua na frente da Linha de Talhadas ao Muradal está a Bateria do Serno, guarnecida com huma peça que bate hum caminho de carro...”

As Estruturas da Passagem de Ródão

As estruturas militares identificadas na passagem Tejo, em Ródão, situam-se, sobre as duas margens do rio, nos topos das cristas que enquadram a garganta rochosa, ou à frente desta (**Figura 5**).

Para além dos documentos de História Militar que referem os movimentos de tropas ali ocorridos em várias épocas (Guerra da Sucessão de Espanha, Guerra dos Sete Anos, Guerra das Laranjas e Invasões Francesas; NUNES, 2002; BORGES, 2003; AMARAL, 2004), e de ilustrações tendo como pano de fundo as Portas de Ródão (HORMIGO, 1983, 2002), interessam

à abordagem arqueográfica destas construções diversos relatórios e mapas relativos a reconhecimentos e planos militares efectuados nos séculos XVIII e XIX. Quanto à cartografia interessa perceber se as representações correspondem a obras projectadas ou a construções já executadas.

O plano elaborado pelo Tenente-coronel Manoel de Souza RAMOS, sem data, mas atribuível ao século XVIII (**Figura 4**), permite perceber que a maioria das estruturas cartografadas corresponde a “*obras de fortificação de campanha projectadas*” sendo que apenas uma delas, a bateria da Achada (referência 1 na **Figura 5**), se encontra em fase de execução, ou nos termos daquele militar, uma “*bateria em que actualmente se trabalha*”. Também assinala a ponte de barcas no Tejo, caminhos já executados e outros por executar.

A planta de um reconhecimento posterior (LEÃO, 1805), tirado do arquivo do Marquês de Alorna, assinala as estruturas existentes na época. Estranhamente, não regista a bateria da Achada. Neste documento estão distintamente marcadas as duas baterias mais elevadas da serra da Vila (Torre Velha e Batarias; referências 2 e 3 na **Figura 5**) e uma bateria existente sobre a margem Sul e que parece atribuir ao ano de 1762 (Barroca da Corga, referência 11 na **Figura 5**), que por sua vez não consta no mapa do Tenente-Coronel Ramos.

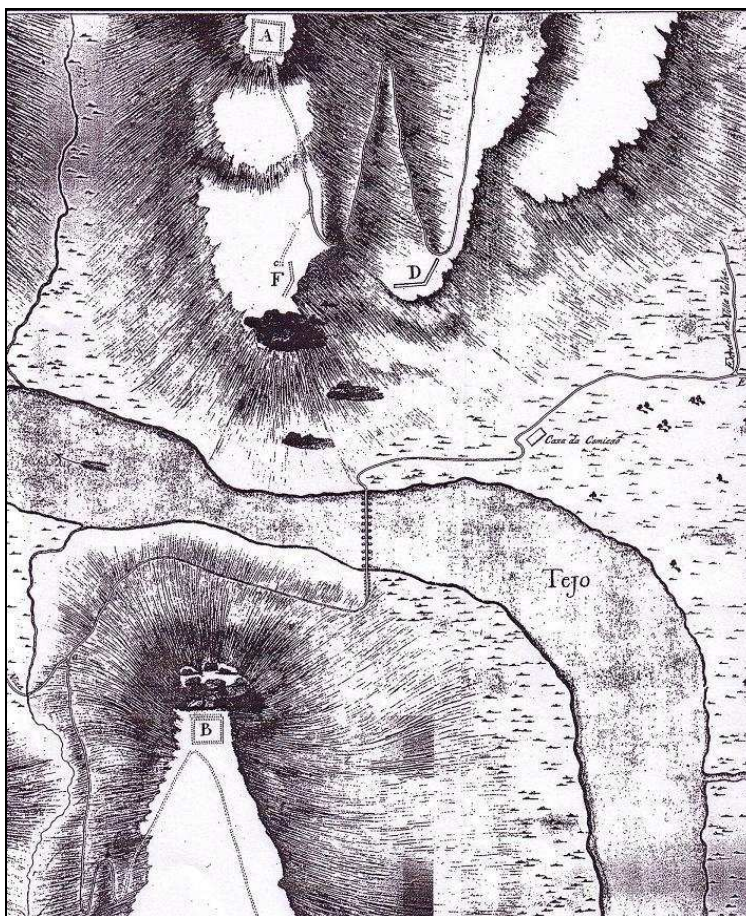


Figura 4. Plano de defesa do Tejo projectado pelo Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos.

Esta última posição é realçada pelo Marquês de Alorna (1801^a, 1801b) como de capital importância para o controlo da passagem do Tejo. *“O ataque de Villa-Velha não pode ter outro fim senão o de cortar a comunicação da Beira com o Alem-Tejo, e não sendo se não um ataque secundario, não poderá ser em força, mas é certo que precisa ser defendido, e que a tropa do Alem-Tejo tendo Artilheria na serra de Sam Miguel, encheria este fim com facilidade, e daria grande proteção ao Castello de Villa Velha, cuja guarnição não pode defender bem, sem ser ajudada pelo outro lado do rio”* (ALORNA, 1801A).

Também o mapa abandonado pelos invasores (SA, 1762b) durante os confrontos da Guerra dos Sete Anos, com duas versões publicadas (NUNES, 2002; HORMIGO, 1980), assinala uma bateria e um entrincheiramento sobre a margem Sul (referência 11 na **Figura 5**), no mesmo local da citação anterior.

O Marquês de Castelo Melhor e Manoel Jozé Dias Cardozo, no plano elaborado em 1810, apenas se referem às três baterias da margem Norte do Tejo então ocupadas com peças de artilharia, ignorando as posições do lado Sul. *“Neste ponto [Villa-Velha] ha cinco peças de Artilharia, duas de ferro de Calibre doze sobre o cume da Serra nas Baterias do Alto e Morro e trez na Bateria da Praça, sendo duas destas de bronze, e em pequenos reparos de campanha ainda que pezados.”*

As treze ocorrências assinaladas na **Figura 5**, descrevem-se seguidamente, de acordo com os seguintes itens: N° de referência. Tipologia. Topónimo ou Designação. Cronologia. Caracterização. Fontes de Informação. Código Nacional de Sítio (CNS) do IGESPAR.

1. Bateria. ACHADA. Século XVIII. Estrutura formada por dois muros lineares definindo um ângulo obtuso, implantada a meia encosta da serra da Vila. Controlava a via de acesso ao Porto do Tejo. Está representada no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos como *“bateria em que actualmente se trabalha, e que deve flanquear a obra C”* (ou seja, a estrutura projectada para o Cabeço do Salvador). Poderá corresponder à denominada Bateria da Praça onde, segundo CASTELO MELHOR & CARDOZO, *“há duas Peças assestadas a diferentes lanços de parapeito de hum reduto, que parece Ter alli existido e batem a Estrada de Castello Branco, e a Ponte sobre o Tejo, e a terceira está assestada a hum parapeito construido em 96 ou 801, para bater a mesma Estrada em maior distancia”*. Mais adiante, aqueles militares confirmam que a Bateria da Praça fica em posição inferior à Bateria do Morro, embora afirmem que estão distanciadas de *“vinte passos mais ou menos”*, o que não é compatível com a posição das estruturas actualmente existentes. O acesso a este local, bem como às estruturas das Batarias e Torre Velha fazia-se, a partir de Ródão por uma estrada de encosta, com traçado em zigue-zague, indicada naquele Plano como *“estrada de comonicação já acabada”* e que ainda era visível, com calçada rústica, há cerca de 15 anos. CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810; HENRIQUES & CANINAS, 1980; RAMOS, s/d.

2. Bateria. TORRE VELHA. Séculos XVIII ou XIX. Actualmente observa-se um muro em forma de L, com talude na sua face exterior. O lado maior é perpendicular à linha de festo e mede 25m de comprimento. O lado menor é perpendicular à primeira, está voltada para o Castelo de Vila Ruivas e mede cerca de 5,5m. O talude exterior, em declive, tem cerca de 8m de largura. Esta estrutura não corresponde ao fortim representado no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos. Foi reconhecida em 1805. Parece corresponder à denominada Bateria do Alto

que, segundo CASTELO MELHOR & CARDOZO, “*bate de enfiada a grande distancia a Estrada de Castello Branco*”, mas “*está porem muito mal construida*”. CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810; HENRIQUES & CANINAS, 1980; LEÃO, 1805; RAMOS, s/d. CNS 11217.

3. Bateria. BATARIAS. Séculos XVIII ou XIX. Construção implantada no topo da serra da Vila, no rebordo voltado para o rio Tejo. No local observa-se uma estrutura semi-circular aberta a noroeste, com 13m de separação entre paredes. É feita em pedra seca. A largura do derrube é de 8m e a da muralha é de 1,5m. A muralha parece ter sido reforçada. Quanto à configuração não corresponde à projectada no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos para este sítio. Naquele mapa está registado o projecto de um “*intrincheiramente para flanquear a bateria*” da Achada, com a forma de ângulo muito aberto. Foi reconhecida em 1805. Parece corresponder à denominada Bateria do Morro que, segundo CASTELO MELHOR & CARDOZO, “*bate de modo q. he possivel a Estrada de Niza, e a margem Esquerda do Tejo junto à Ponte*” (de barcas). Na serra da Vila, sobre a Achada, era frequente, até há poucas décadas, encontrarem-se balas de canhão, em ferro. CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810; HENRIQUES & CANINAS, 1980; LEÃO, 1805; RAMOS, s/d. CNS 27957.

4. Fortim. CASTELO VELHO. Séculos XVIII ou XIX. Situa-se no lado direito do caminho que dá acesso ao castelo de Vilas Ruivas, cerca de 50m a NO da capela da Senhora do Castelo. No decurso da revisão da Carta Arqueológica de Ródão (2005) constatou-se corresponder a restos de um fortim (recinto poligonal com quatro lados), com fosso, muito danificado no lado do acesso ao castelo. Não consta nas fontes militares consultadas. HENRIQUES & CANINAS, 1986. CNS 27560.

5. Bateria? CABEÇO DO SALVADOR. Séculos XVIII ou XIX. Desta estrutura não restam vestígios. No local existem dois tanques construídos há algumas décadas. Um deles está assente sobre um aterro com cerca de 50cm de altura, que pode corresponder a restos de estrutura militar arrasada para o efeito. No plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos está projectada uma construção de planta sub-triangular com o vértice voltado a oriente e aberta a ocidente. Em mapa colorido, datado de 1762 (SA, 1762) a estrutura está orientada de forma inversa e num outro mapa, mais recente (LEÃO, 1805), é desenhada uma construção de planta quadrangular (forte?). É de admitir a possibilidade de esta estrutura não ter sido construída. LEÃO, 1805; RAMOS, s/d; SA, 1762.

6. Torre de vigia. CASTELO DO REI VAMBA. Medieval e Contemporânea. A construção original de uma torre de vigia sobre as Portas de Ródão data da Idade Média. No entanto no Século XVIII esta posição foi utilizada pela artilharia luso-inglesa, no decurso de confrontos militares, com a finalidade de impedir a travessia do Tejo pelos exércitos invasores. O General Barrento (2006, p. 69 e 72) refere que o Conde de Lippe “*para impedir a passagem do exército inimigo no Tejo, determinou ao Brigadeiro Bourgoyne que, continuando a observar o rio Sever, por forma a não se ser surpreendido caso o inimigo tentasse alguma manobra nesta região, barrasse a passagem das forças inimigas para sul do Tejo. Para a defesa contribuía também a ocupação de um ponto forte na região do castelo de Vila Velha de Ródão, que mandou fortificar.*” Noutro documento da mesma época (TORREZÃO, 1762), publicado pelo Tenente-Coronel Valdez dos Santos (SANTOS, 1976, p. 417) esta estrutura é qualificada como forte, que servia de passagem ao Tejo. “*Hera o ditto Forte huma pequena Fortificação, q. o tempo tinha destruido, mas pareceo ao Conde General, ..., ficaria bem defendido, especialm.^{te} tendose ordenado ao Brigadeiro Borgonha, commandante das Tropas, q. goarnecião a outra parte do Tejo, lhe desse o socorro necessario*”. Os trabalhos arqueológicos ali realizados em 1999 (CORREIA, 2000)

permitiram documentar a construção de estruturas contemporâneas daquelas invasões. ALORNA, 1801a; ALORNA, 1801b; CANINAS, HENRIQUES & GOUVEIA, 1997; CORREIA, 2000; NUNES, 1982; SORIANO, 1867. CNS 14532.

7. Bateria? BARROCA DA SENHORA DO CASTELO. Contemporânea? Muralha espessa apoiada entre dois grandes blocos de quartzito, situada na encosta do Castelo, voltada a nascente. HENRIQUES & CANINAS, 1986.

8. Bateria? PORTAS DE RÓDÃO. Contemporânea? Espesso muro que fecha o acesso ao Castelo em relação a uma penetração oriunda do rio Tejo. Situa-se no morro norte das Portas de Ródão. HENRIQUES & CANINAS, 1986. CNS 27562.

9. Fortim. SERRA DO PAÚL. Século XVIII? O plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos indica uma estrutura em projecto. No local não foi identificada qualquer estrutura. Deduz-se que não terá sido construída. RAMOS, s/d.

10. Bateria. SERRA DA CORGA. Séculos XVIII ou XIX. Duas baterias situadas na linha de fecho da Serra da Corga. Estão envolvidas por densa vegetação arbustiva que dificulta uma melhor compreensão da sua configuração. Não constam no plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos. A bateria 1 localiza-se a Este do caminho que percorre o topo da serra. Foi construída com blocos de quartzito e terra. Tem desenvolvimento linear, irregular, e no lado Este uma pequena curvatura para Sul. Tem rampeamento voltado a Norte (80cm de altura máxima, 2460cm de comprimento e 360cm de largura). A bateria 2 situa-se imediatamente a Oeste do caminho. É constituída por blocos de quartzito e terra. O rampeamento exterior é pouco largo. Em planta tem a forma de um L maiúsculo (50cm de altura máxima, 300cm de largura e 2460cm de comprimento máximo). HENRIQUES & CANINAS, 1980 e trabalho de campo posterior.

11. Bateria. BARROCA DA CORGA. Séc. XVIII. Não restam vestígios da bateria que poderá ter sido construída neste local, talvez em consequência do revolvimento do solo ali efectuado para plantio de eucaliptos. Um mapa abandonado pelos invasores aquando da Guerra dos Sete Anos assinala neste local um entrincheiramento e uma bateria sob o acampamento das tropas inglesas (HORMIGO, 1980: estampa XX; NUNES, 2002, figura 10). Também se encontra representada noutro documento do século XVIII (SA, 1762). O Marquez de Alorna (ALORNA, 1801b), em carta dirigida ao general Forbes, pode estar a referir-se a esta estrutura (ou ao seu reforço) quando afirma “*eu vou á manhã a villa Velha, para concluir o estabelecimento da Ponte, e farei toda a deligencia por fazer alguma obra na montanha de S. Miguel, de sorte que logo que lá chegarem as péssas de maior calibre tenham o seu lugar feito*”, embora também se possa admitir que o objectivo era a construção das estruturas identificadas na Serra das Corgas (nº 10). O mapa de um reconhecimento militar efectuado em 1805 (LEÃO, 1805) assinala uma bateria de ângulo com a legenda *Bateria 62*. Mas esta estrutura poderá ser mais antiga, coeva da Guerra da Sucessão de Espanha. Em 30 de Maio de 1704, aquando da passagem de Filipe V em Ródão, foi representada desenhada uma perspectiva da travessia do Tejo onde está representada uma estrutura abaluartada, numa das margens, na qual se apoia uma ponte de barcas (BORGES, 2003:50). ALORNA, 1801b; BORGES, 2003; LEÃO, 1805; NUNES, 2002; SA, 1762.

12. Bateria. SERRA DO PAÚL. Séculos XVIII ou XIX. Estrutura constituída por cordão de blocos quartzíticos de tamanho médio, com 27m de comprimento, 3m de largura máxima e 50cm de altura. Formaria um grande ângulo se a sua configuração não fosse arredondada. O braço

voltado a NE tem 13m de comprimento e o braço NO tem 14m. Este local domina o Porto do Tejo e o caminho da Corga, mas não o rio Tejo. O plano do Tenente-Coronel Manoel de Souza Ramos indica um *reduto* projectado, de planta quadrangular. HENRIQUES & CANINAS, 1986; RAMOS, s/d.

13. Recinto muralhado. PORTAS DE RÓDÃO. Proto-História? Estrutura inédita, identificada por membros da Associação de Estudos do Alto Tejo. Não parece ter relação nem ter sido utilizada no decurso dos conflitos militares em apreço. CNS 11255.

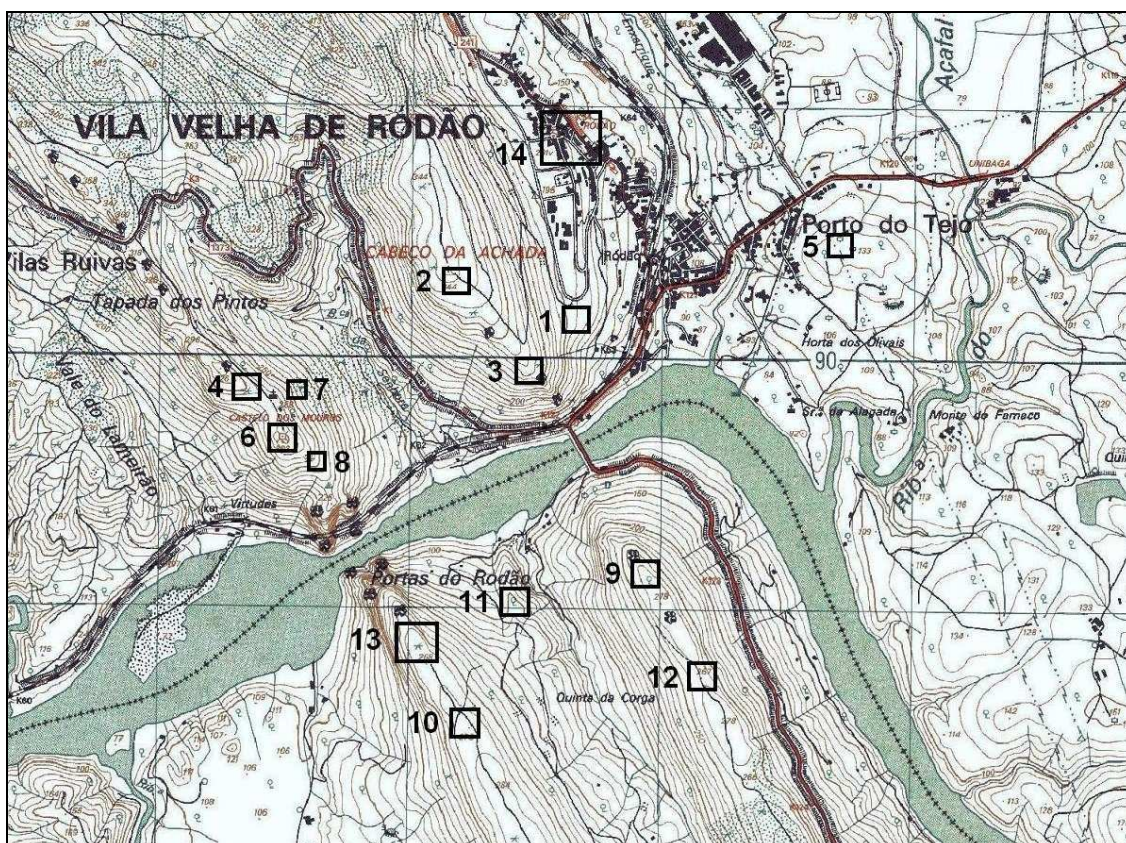


Figura 6. Localização das estruturas militares da passagem de Ródão e outras construções muralhadas, sobre extracto da folha 314 da Carta Militar de Portugal.

14. Diversos. VILA VELHA DE RÓDÃO. Séculos XVIII ou XIX. Na parte elevada e mais antiga da vila existia uma rua da Trincheira e têm sido achadas balas de canhão em ferro, como a que está exposta na Exposição Permanente de Arqueologia no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento. A referência a “praça” no documento de Castelo Melhor & Cardozo (1810) permite pressupor um sistema defensivo mais complexo no núcleo urbano antigo desta vila. Também se situa aqui a quinta da Torre Velha.

A Bateria da Achada

A bateria da Achada, assim denominada por se situar numa chã, ou *achada*, a meia encosta da Serra da Vila, consiste em dois muros lineares, ou braços, definindo um ângulo de 245 graus, tendo cada um deles cerca de 25 metros de comprimento e um desnível máximo de 3 metros para o exterior (referência 1 na **Figura 5**).

De acordo com a Carta Geológica de Portugal (folha 28-B de 1964) situa-se sobre depósito de vertente, holocénico, associado à erosão da crista quartzítica sendo constituído por *“fragmentos de quartzito, por vezes de grandes dimensões, angulosos ou apenas com as arestas boleadas, envolvidos por materiais finos, argilosos”* (RIBEIRO et al., 1965).



Figura 6. Assinala-se a posição da bateria, vista de leste, sendo visível, à esquerda, uma faixa de terreno mais claro correspondente a corta-fogo.

O seu excelente estado de conservação e a magnífica posição estratégica, bem como panorâmica, conferem-lhe o estatuto de testemunho histórico de manifesto interesse, constando por isso na Carta Arqueológica concelhia (HENRIQUES & CANINAS, 1980), mas estando ausente na Carta do Património Cultural Construído e Arqueológico do Plano Director Municipal de primeira geração.

Em Dezembro 2003 constatou-se que durante o combate ao grande incêndio ocorrido em Agosto desse ano foram provocados danos significativos no braço Sul devido à passagem de uma

máquina de rastros, alugada pela autarquia para abrir um corta-fogo de protecção à área urbana (**Figura 6**).

O facto foi imediatamente comunicado pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão à Extensão da Covilhã do Instituto Português de Arqueologia, tendo o município assumido os custos inerentes ao estudo e recuperação daquela estrutura²⁴.

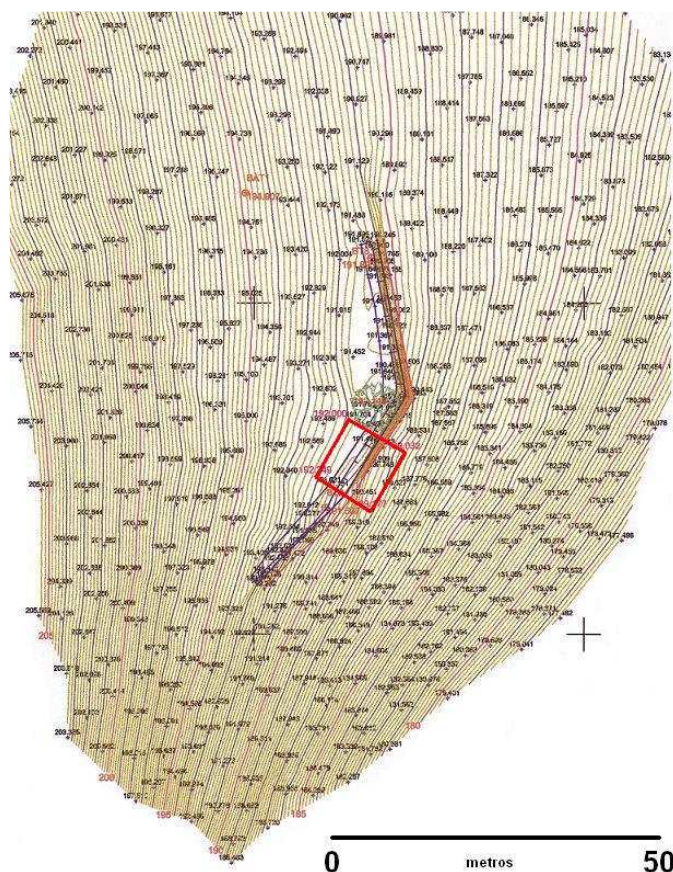


Figura 7. Microtopografia da área de implantação da bateria com equidistâncias de 20cm e localização da sondagem (levantamento executado pelos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão)

Em Maio de 2004, os signatários executaram uma intervenção arqueológica, autorizada pelo Instituto Português de Arqueologia, a qual consistiu em sondagem arqueológica numa área quadrangular com 10 metros de lado, guiada pelos dois seguintes objectivos: 1) determinar a gravidade dos danos provocados pela máquina de rastros; 2) conhecer a estrutura interna da construção militar.

Deste modo, a posição da sondagem foi escolhida de forma a abranger simultaneamente um trecho danificado e um trecho intacto (**Figura 7**) e a permitir uma amostragem do espaço

²⁴ Um agradecimento à Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, na pessoa do seu Vice-Presidente Luis Pereira e do Arquitecto José Manuel Pires, pelo apoio em meios mecânicos, em alojamento e na execução de levantamento topográfico, para além do financiamento da intervenção arqueológica.

envolvido pela bateria e o aterro exterior. Após a habitual limpeza do terreno mediante corte da cobertura arbustiva e herbácea, e no decurso da remoção de pedras soltas, constatou-se a presença de blocos de grandes dimensões arrancados à estrutura do monumento (**Figuras 8 e 9**).

Uma observação preliminar dos aspectos exteriores da construção permitiu identificar dois muros estruturados, desnivelados, e um aterro rampeado, *moldado* com recurso a técnica de batimento de terra, idêntica à adoptada na ancestral elaboração de taipa. Este aterro encontra-se assente (ou apoiado) naqueles muros, perfilando suave vertente, e tendo talvez como objectivo a protecção, por amortecimento, face aos impactos da balística inimiga. Não se conserva em toda a extensão original da edificação militar talvez por ter sido removido aquando do plantio de oliveiras na sua base (**Figuras 10 e 11**).



Figura 8. Vista longitudinal, de Sul para Norte, do coroamento do braço sul, antes da limpeza do terreno



Figura 9. Vista longitudinal, de Norte para Sul, do coroamento do braço sul



Figura 10. Vista longitudinal, de Norte para Sul, do coroamento do braço Norte após limpeza do terreno



Figura 11. Vista, de Norte para Sul, do lado exterior do braço Norte após limpeza do terreno

A sondagem arqueológica pôs em evidência uma estrutura complexa, de construção muito criteriosa, e, por outro lado, permitiu constatar que os danos provocados pela maquinaria pesada foram mais superficiais do que se supunha. A sua posição topográfica parece corresponder ao rebordo da chã.

A caracterização da estrutura da bateria da Achada pode ser ilustrada com a planta geral correspondente ao final dos trabalhos de sondagem (**Figura 12**) na qual se discriminaram as várias unidades estratigráficas nas duas seguintes categorias: *estruturas*, assinaladas com a letra E; *camadas* assinaladas com a letra C. As estruturas correspondem a elementos verticais como muros e a enchimentos (pedra solta e taipa). As camadas englobam as formações sedimentares resultantes dos processos erosivos posteriores ao abandono da estrutura e o substrato geológico. Todos os exemplares de *panos* em alvenaria apresentavam padrões de construção em pedra seca, sem reboco, argamassa ou camada artificial ou natural de ligação.

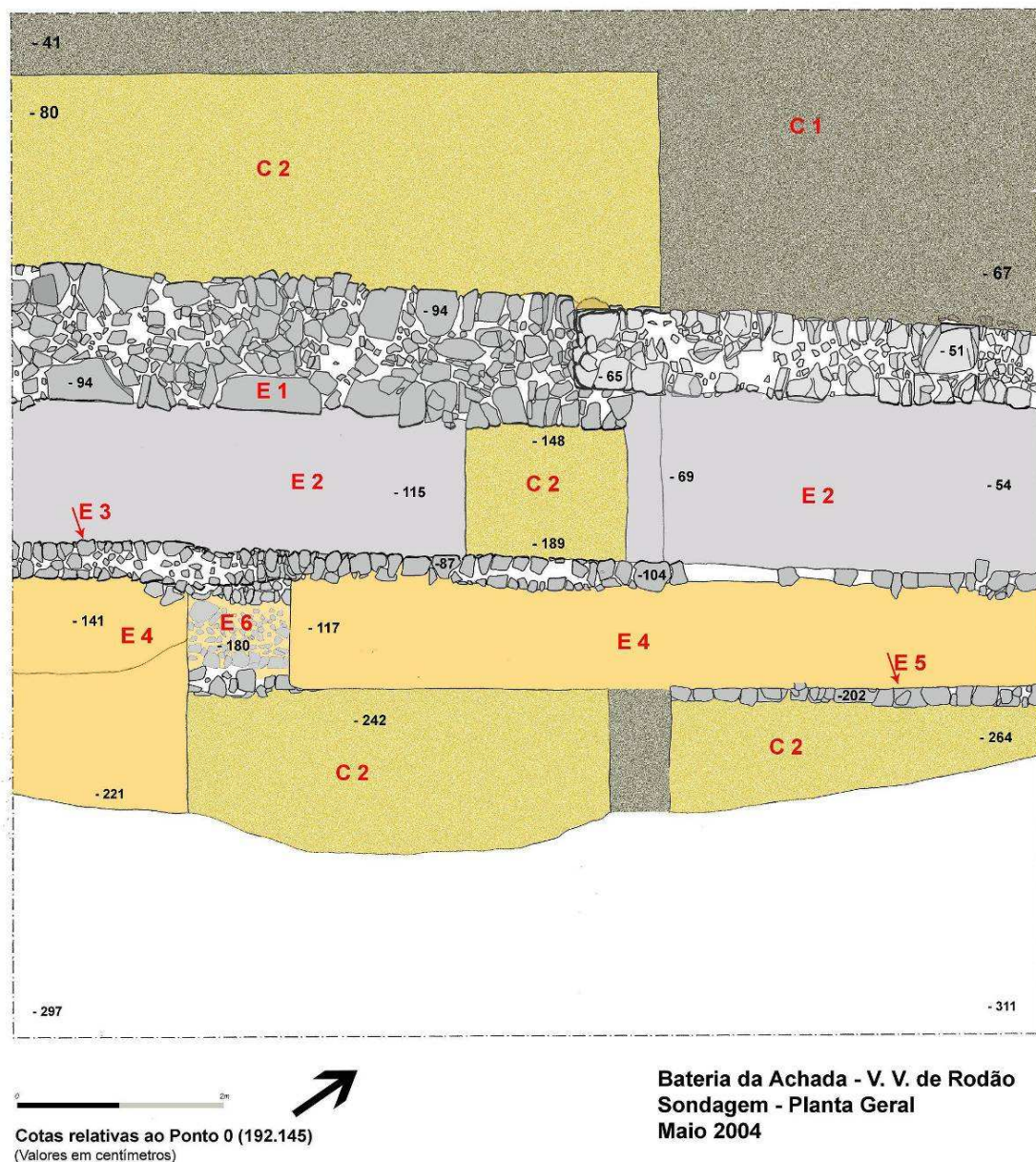


Figura 12. Planta geral da área sondada no final dos trabalhos.

No sector sondado, verificou-se ser constituída basicamente por três muros paralelos (E1, E3 e E5), um enchimento de pedra solta (E2) e um aterro externo (E4). Estes resultados são extrapoláveis para a totalidade da estrutura militar.

Estrutura 1 (E1). É o muro mais consistente, regular e de maiores dimensões, sendo constituído por dois corpos com diferentes larguras. O corpo inferior ou embasamento, com cerca de 1,5m de espessura, é mais largo, sendo constituído por blocos aparelhados de grandes dimensões. Acima deste existe um murete, com sensivelmente 90cm de largura, o qual se eleva até à superfície, cerca de 40 cm acima do corpo inferior. Funcionava como parapeito e resguardo de homens e peças de artilharia. O aparelho das paredes de alvenaria baseia-se num sistema de construção *clássico*, com disposição lateral de blocos de maior envergadura amparando *miolo* de fragmentos líticos de expressão comparativamente mais reduzida.



Figura 13. Vista geral da sondagem no final dos trabalhos.



Figura 14. Vista da estrutura sondada de Sul para Norte, onde se evidenciam os muros E1 e E3.



Figura 15. Aspecto do enchimento da caixa de amortecimento (E2) situada entre muros (E1 e E3).



Figura 16. Vista dos restos do aterro exterior (E4).

Estrutura 3 (E3). Muro alto e estreito, de construção precária, em termos de estabilidade, não fosse o facto de se situar no interior da construção. Parece coincidir com a linha de soalco. Poderá ter servido de “apoio” à construção do aterro exterior (E4) e, simultaneamente, de contenção do enchimento (E2) que o separa de E1.

Estrutura 5 (E5). Muro de espessura não determinada mas de aparelho idêntico aos anteriores. Está em posição avançada em relação a E1 e E3 embora num nível mais baixo. Formaria com o E3 um patamar que terá servido para conferir estabilidade ao aterro frontal (E4) pelo que estaria originalmente oculto no interior deste. Não foi sondado em profundidade (desmontado).

Além destes muros reconheceram-se as duas seguintes unidades estruturais, de distintas características.

Estrutura 2 (E2). *Almofada* constituída por clastos de quartzito relativamente bem calibrados, angulosos, muito soltos - o que indica que foram colocados intencionalmente sem terra a acompanhá-los – fazendo o enchimento do espaço situado entre E1 e E3. A elasticidade desta unidade poderia ter um efeito de amortecimento de eventuais impactes balísticos no aterro exterior. O topo desta estrutura apresenta-se coberto por camada de terra, pouco espessa, nos trechos melhor conservados. Os clastos são provenientes dos depósitos de vertente e terão decerto sido colectados na vizinhança imediata desta construção.

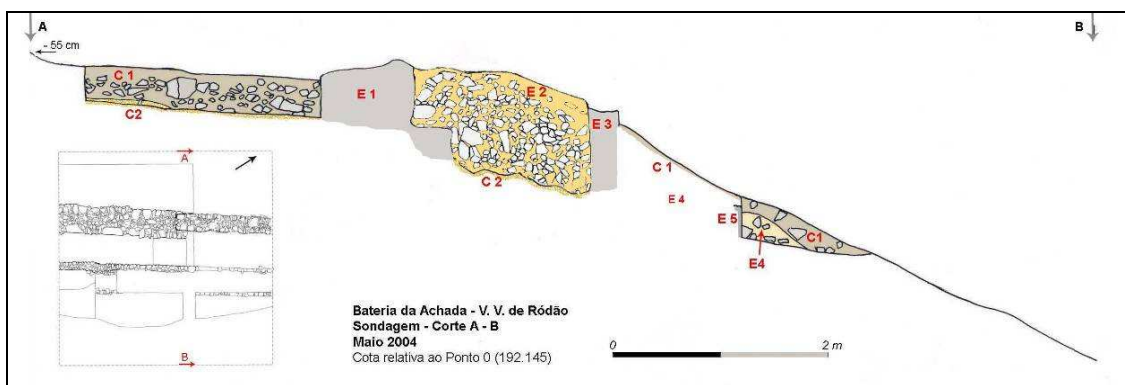


Figura 17. Corte A-B.

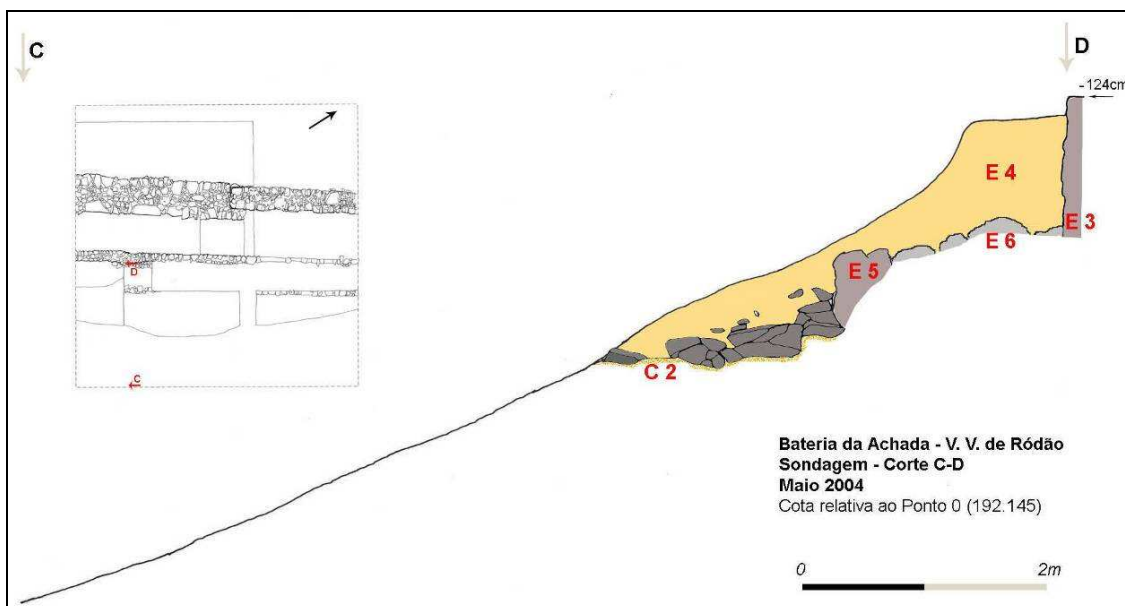


Figura 18. Corte C-D.

Estrutura 4 (E4). Aterro rampeado constituído por terra batida, compacta, de natureza argilosa e coloração castanha clara. Encosta à face externa de E3 (a que está virada para o lado do ataque) e apoia-se totalmente em E5 e no degrau formado entre aqueles dois muros.

A presença da rampa em taipa, com função de contraforte ou similar, assume posição frontal em associação com a funcionalidade básica da bateria. De tendência descendente regular, parece tratar-se, também, de uma estrutura de protecção e minoração de impactos balísticos. Mais do que a sua lenta degradação natural, a lavra ou plantio de olival parece ser responsável pela sua ausência em troços extensos da bateria.

Procurou-se minimizar a incidência dos desmontes da estrutura da bateria, embora necessários para o conhecimento das suas características internas. Deste modo, além da remoção localizada do enchimento interno (E2), já descrito (**Figura 15**), fez-se um seccionamento, com cerca de 1m de largura, no aterro, pondo à vista o desnível situado entre os topos de E3 e E5 (**Figura 18**). Por outro lado, nesta fase, optou-se por não escavar em profundidade na esplanada interior da bateria o que, em parte, poderá explicar a ausência de artefactos coevos deste.

Este desmonte de E4 permitiu detectar a presença de um nivelamento (E6), com pedras dispostas horizontalmente, entre o topo de E5 e a parede de E3. Acima deste nível, no interior do aterro, recolheram-se dois artefactos pré-históricos (**Figura 19**), um pequeno fragmento de bordo de recipiente cerâmico, de diâmetro indeterminado, e um peso sobre seixo de xisto, com entalhes laterais²⁵.

Este achado, inesperado, indica a provável existência de um sítio de habitat nas proximidades da bateria, admitindo a proveniência local dos materiais de construção utilizados, hipótese que é reforçada com a recolha de dois outros fragmentos cerâmicos, rolados, um na escavação da esplanada interior da bateria e o outro no topo de E2.

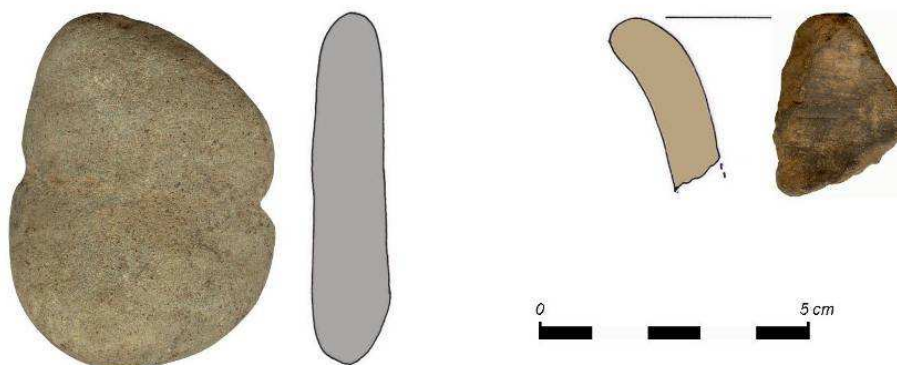


Figura 19. Artefactos pré-históricos recolhidos no interior do aterro (E4).

²⁵ Este tipo de pesos é geralmente atribuído à actividade piscatória embora alguns investigadores defendam a sua utilização como pesos de tear, nomeadamente em contextos do Bronze Final (VILAÇA, 1995). Em sítios ribeirinhos, no Médio Tejo, tem sido admitida uma cronologia para este tipo de artefactos entre o Neolítico e o final da Idade do Bronze (BATISTA, 2004; CRUZ, 1997; CRUZ *et al.*, 2000; PEREIRA, 2005; BATATA & GASPAR, 2000).

A terminar apresenta-se um magnífico documento fotográfico (**Figura 20**) cuja reprodução foi gentilmente autorizada pelo Senhor Alexandre Martins (Fratel). A fotografia em apreço documenta um grupo de visitantes talvez sobre a bateria da Achada e data do final do séc. XIX ou inícios do seguinte.



Figura 20. Grupo na zona da Achada (final séc XIX ou início do séc. XX).

Considerações Finais

A Serra das Talhadas, uma longa crista quartzítica que percorre três concelhos da Beira Interior e do Norte Alentejano (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa), em associação com um extenso sistema montanhosa, que se desenvolve em arco até ao Norte de Madrid, teve capital importância em termos de defesa militar na História Contemporânea de Portugal, em particular, de forma activa durante o século XVIII.

Aquando da 1ª Invasão Francesa (1807) tal capacidade de dificultar ou impedir o progresso das tropas inimigas só não foi activada porque o poder político decidiu abrir as portas aos invasores, com a fuga real para o Brasil. Porém, com a organização da resistência contra o ocupante pelo exército luso-inglês, e mais tarde aquando da terceira 3ª Invasão, a Serra e, em particular a passagem das Portas de Ródão, voltam a ser palco de movimentações militares, aliás bem documentadas em diversos desenhos e pinturas da autoria de militares ingleses, em 1808, 1811 e 1812.

Neste contexto atribui-se destacado valor histórico-militar, patrimonial e arqueológico às obras de campanha que foram construídas e reforçadas nos séculos XVIII e XIX em torno das principais passagens naturais da Serra das Talhadas, sendo de referir o complexo de baterias situado nos vários “morros” que ladeiam a passagem do rio Tejo em Vila Velha de Ródão.

Uma dessas baterias, a da Achada, que julgamos poder incluir no legado militar do Conde de Lippe (Século XVIII) foi objecto de uma sondagem arqueológica, que permitiu documentar uma estrutura complexa e de construção muito criteriosa. Inesperadamente, também forneceu materiais pré-históricos embalados no interior da estrutura frontal de terra batida, que se atribuem a uma ocupação local, talvez durante a Idade do Bronze.

Fontes de Informação

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge (1988) - **O Domínio Romano em Portugal**, *Forum da História*, Publicações Europa América, Lisboa, 244p.

ALORNA (1801a) **Plano e disposições para a deffesa da fronteira entre o Tejo e o Douro, desde Villa Velha até ao Escallão pelo Marechal de Campo Marquez de Alorna datado de 26 de Março de 1801**, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 18, pp. 79-84, Lisboa, 1948.

ALORNA (1801b) - **Copia da correspondencia, relativa ao plano de defeza do Reino, derigida pelo Marquez de Alorna ao General Forbes**, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 18, pp. 85-90, Lisboa, 1948.

AMARAL, Manuel (2004) **Olivença (1801)**, *Batalhas de Portugal*, Tribuna da História Lda, Lisboa, 112p.

BARRENTO, António (2006) **Guerra Fantástica (1762) – Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos**, *Batalhas de Portugal*, Tribuna da História Lda, 98p.

BATATA, Carlos & Filomena GASPAS (2000) - **Levantamento Arqueológico do Concelho de Vila de Rei**, Fundação para o Estudo e Preservação do Património Histórico e Arqueológico, Abrantes, 157p.

BATATA, Carlos A. M. (2006) **Idade do Ferro e Romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza**, *Trabalhos de Arqueologia*, 46, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 289p.

BATISTA, Álvaro (2004) - **Carta Arqueológica do Concelho de Constância**, ESCORA – Associação de Jovens para a Preservação Cultural e Arqueológica de Montalvo, 237p.

BATISTA, Graça (2001) **Vila Velha de Ródão. Viagens do Olhar**, Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, 240p.

BORGES, João Vieira (2003) - **Conquista de Madrid (1706)**, *Batalhas de Portugal*, Tribuna da História Lda, Lisboa, 100p.

CANÊLHAS, Armando (2002) - **O Tempo dos Franceses e as Linhas de Torres**, Câmara Municipal de Torres Vedras, 245p.

CANINAS João Carlos, HENRIQUES, Francisco & GOUVEIA, Jorge (1997) - **O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo**, *Ibn Maruan*, 6, pp. 183-203, Câmara Municipal de Marvão.

CASTELO MELHOR & CARDOZO (1810) - **Sobre o Giro que por ordem do Ill^{mo} e Ex^{mo} Sor Tenente General Antonio Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castelo Melhor e Manoel Jozé Dias Cardozo, pelas Linhas e posições de Talhadas, Aguas Quentes e S. Domingos** (in SANTOS, 1976), *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 46, p. 445-456, Lisboa, 1976.

CRUZ, Ana Rosa (1997) - **Vale do Nabão: do Neolítico á Idade do Bronze**, *Arkeos*, 3, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, Tomar, 361p.

CRUZ, Ana Rosa, Stefano GRIMALDI, Luiz OOSTERBEEK, Pierluigi ROSINA (2000) - **Indústrias Macrolíticas do Pós-glaciar no Alto Ribatejo**, Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular, 3 (Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica), *Arkeos*, 3, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, pp. 47-59.

ESTEVÃO, Florbela (2002) - **O Património das Linhas de Torres no Município de Loures. Identificação e caracterização das obras militares**, in Fortes, *Fortins e Redutos. Um Contributo para a História Local*, Museu Municipal de Loures, pp. 65-80.

GOTTERI, Nicole (2006) - **Napoleão e Portugal**, Teorema, 314p.

HENRIQUES, F., J. CANINAS & J. GOUVEIA (2005) - **Serra das Talhadas. Fortins e Baterias da Ponte do Alvito e da Ponte da Fróia**, *Catálogo da Exposição 25 Sítios Arqueológicos da Beira Interior*, Associação de Desenvolvimento Estudo e Defesa do Património da Beira Interior (ARA) e Câmara Municipal de Trancoso, Trancoso, pp. 44-45.

HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos (1980) - **Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa**, *Preservação*, 3, 82 p, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos (1986) - **Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa**, *Preservação*, 7, 79 p, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos (1986a) - **Toponímia do Concelho de Vila Velha de Ródão**, *Preservação*, 5, 57 p, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Fernando Branco CORREIA (2002) - **A Estruturas Militares da Serra das Talhadas**, Actas do Colóquio As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão-Proença (2000), *Açafa*, 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 43-71.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário Lobato CHAMBINO (1995) - **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 2 (Castelo Branco), Associação de Estudos do Alto Tejo, 119p.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1980) - **Plantas de Povoações da Beira Baixa (séc. XVIII)**, edição do autor, 38p.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1983) - **A Beira Baixa vista por Artistas Estrangeiros (sécs XVIII-XIX)**, Museu Francisco Tavares de Proença Jr, Castelo Branco, 56p.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (2002) - **A Iconografia das Portas de Ródão nas Invasões Francesas**, Actas do Colóquio As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão-Proença (2000), *Açafa*, 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 35-41.

- MARBOT, General Barão de (2006) - **Memórias sobre a 3ª Invasão Francesa**, Caleidoscópio SA, 144p.
- MARQUES, Paulo (2002) - **Os Fortes Militares que “Amedrontaram as Tropas Napoleónicas”**, *Raia*, 38, Castelo Branco, pp. 36-41.
- MOREIRA, Coronel de Engenharia Bastos (1984) - **Castelo de Ródão**, *Boletim do Exército*, 290, Lisboa, p. 24.
- NUNES, António Lopes Pires (1982) - **Torres de Vigia da Beira Baixa**, Livro do I Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses, Associação Património XXI, Lisboa.
- NUNES, António Lopes Pires (2002) - **A Guerra dos Sete Anos e a Invasão Francesa da Beira Baixa. Aspectos Militares**, Actas do Colóquio As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão-Proença (2000), *Açafa*, 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp. 11-34.
- NUNES, António Lopes Pires (2005a) - **Dicionário de Arquitectura Militar**, Estado-Maior do Exército, Caleidoscópio SA, 261 p.
- NUNES, António Lopes Pires (2005b) - **Os Castelo Templários da Beira Baixa**, *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*, Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, 158 p.
- NUNES, Graça (1994) - **As Invasões Francesas e o Tejo**, in *Histórias do Tejo*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 65-80.
- OLIVEIRA, Ana Cristina (1998) - **O Povoado Pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor)**, Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior, *Estudos Pré-Históricos*, 6, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 243-257.
- PEREIRA, Júlio Manuel (2005) - **Os pesos de com entalhes: possíveis vestígios pré-históricos da actividade da pesca na região de Constância**, *Al-madan Adenda Electrónica*, 2ª série, 13, Centro de Arqueologia de Almada, 12p.
- RIBEIRO, Orlando, TEIXEIRA, Carlos, CARVALHO, H. de, PERES, A., FERNANDES, A. P., ASSUNÇÃO, C. Torre de, PILAR, L. (1965) - **Notícia Explicativa da Folha 28-B (Nisa) da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50.000**, Serviços Geológicos de Portugal, 29p, Lisboa.
- SA (2002) - **Mais vestígios do passado**, *Boletim Municipal do Concelho de Proença-a-Nova*, 19, Proença-a-Nova, p. 19.
- SANTOS, Tenente-coronel N. Valdez dos Santos (1976) - **A ocupação francesa de Junot segundo documentos existentes no Arquivo Histórico Militar**, *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 46, pp. 85-462, Lisboa.
- SORIANO, Simão José da Luz (1867) - **História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal**, 2 tomos (555+644 p), Typographia Universal, Lisboa.
- SOROMENHO, Paulo Caratão (1965) - **Lendário Rodanense**, *Revista de Portugal*, série A, vol. 30, pp.430-447.
- TORREZÃO, Simão Coelho (1762) - **Epilogo Historico da Guerra de Portugal com Castela** (in SANTOS, 1976), *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 46, pp. 405-423, Lisboa.
- VENTURA, António (2006) - **Planos Espanhóis para a Invasão de Portugal (1797-1801)**, Livros Horizonte, 118p.

VICENTE, António Pedro (2007) - **Guerra Peninsular 1801-1814**, *Guerras e Campanhas Militares da História de Portugal*, Academia Portuguesa da História, Quidnovi Lda, Matosinhos, 104p.

VILAÇA, Raquel (1995) - **Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze**, 2 vol., *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa, 487p. e 279 estampas.

VV AA (1983) - **Comunicações das 1ª Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares. Distrito de Castelo Branco (Março de 1983)**, ARCINPE – Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património dos Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, 91p.

Cartografia

FURTADO, Brigadeiro Luis Candido Coordeiro Pinheiro, Sargento-Mor Euzebio Dias AZEDO & Capitão Pedro FOLQUE (1797) - **Villa Velha. Mapa topographico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano alhe á Foz do Cabrão levantado pelos officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

FURTADO, Brigadeiro Luis Candido Coordeiro Pinheiro (s/d) - **Mapa topographico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano ate a Foz do Cabrão levantada pelos officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

LEÃO, Major J. J. (1805) - **Cópia d´hum Reconhecimento das Margens do Rio Tejo o pe de Vª Velha feito debaixo das Ordens do Coronel Engn.º C. H. Niemeyer em Abril de 1805**, tirada do Arquivo do Marquês d´Alorna (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

NOGUEIRA, João Rafael (1797) - **Mappa Topografico da parte do Tejo pertencente a Vª Velha coforme o estado em que se achava no dia 24 de Abril de 1797** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

RAMOS, Tenente-coronel Manoel de Souza (s/d) - **Plano de huma parte do Tejo junto a Villa Velha que mostra a Ponte das Barcas, os caminhos de comunicação e as obras de fortificação de campanha projectadas para a sua defença** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

SA (1762) - **Mappa de todo o rio Creza e terrenos que lhe confinão e que tenham alguma couza de remarquavel pelos compementos diferentes desta ultima Guerra, como tamben dos rayos das serras, principiando do Rio Zézere até alem do Rio Tejo**, depositado no Estado-Maior do Exército, Lisboa.

SA (1762b) - **Plano del Castillo del Vila Vella y sus immediac.ºes en qº. se manifesta la situacion de los Enemigos y la qº. tomo el Destacamº. mandado p. el Brigadier D. Martinez en el dia 2 de octubre de 1762 se rindió dicho Castillo** (publicado em HORMIGO, 1980, com outra versão em NUNES, 2002).

SA (1797) - **Carta Topographico das Montanhas comprehendidas entre o Tejo e Ocreza desde as Portas-de-Rodão até a Foz do Cabrão** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

SGP (1964) - **Carta Geológica de Portugal**, folha 28-B (Nisa), escala 1:50.000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

Iconografia

BRADFORD, A. B. William (1809) - **View on the Tagus near Villa Velha (1808)**, in *Sketches of the Country; Character, and Costume in Portugal and Spain made during the Campaign and on the Route of the British Army in 1808 and 1809*, Londres, a fonte directa é HORMIGO (1983, 2002).

CUMBERLAND JR, George (1823) - **The Tagus at Vila Velha (1812)**, in *Views in Spain and Portugal taken during the Campaigns of His Grace the Duke of Wellington*, a fonte directa é HORMIGO (1983, 2002).

LANDMANN, George, 1818, **Flying Bridge on the Tejo at Villa Velha (1808)**, in *Historical, Military and Picturesque Observations in Portugal*, Londres, a fonte directa é HORMIGO (1983, 2002).

NEALE, Adam (1809) - **The Pass of Vila Velha on the Tagus**, London.

NOGUEIRA, João Rafael (s/d) - **Configuração do Tejo em Vila Velha e vista dos montes observados do lugar A onde se distou a ponte de Barcas** (cópia depositada no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, Vila Velha de Ródão).

SA (1839) - **O Téjo junto a Villa-Velha**, jornal *Panorama*, in BATISTA (2001).

SAINT CLAIR, Thomas Staunt (1812) - **This view of the Pass of the Tagus at Villa Velha into the Alentejo, by the Allied Army (1811)**, in *A Series of the Principal Occurrences of the Campaigns in Spain and Portugal Taken During the Peninsular War*, a fonte directa é HORMIGO (1983, 2002).

SAINT CLAIR, Thomas Staunt (1812) - **Troops Bevouack'd near the village of Villa Velha on the Evening of the 19th of May 1811. Shewing the Occupations of an Encampment (1811)**, in *A Series of the Principal Occurrences of the Campaigns in Spain and Portugal Taken During the Peninsular War*, a fonte directa é HORMIGO (1983).

Outros documentos

CANINAS, J., F. HENRIQUES, A. SABROSA, F. Robles HENRIQUES, A. BATISTA & M. CHAMBINO (2004) - **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico do Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução da Linha Pinhal Interior – Falagueira a 150 KV e Subestação de Corgas (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa)**, elaborado por EMERITA Lda para PROCESL, Lda, Lisboa.

CORREIA, Fernando Branco (2000) - **Relatório dos trabalhos levados a cabo no Castelo de Vila Velha de Ródão (Projecto AÇAFA)**, Associação de Estudo do Alto Tejo.

SA (2003) - **Rota das Invasões. Percursos Pedestres de Vila Velha de Ródão**, Associação de Estudos do Alto Tejo e Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, folheto.